



**A INTERFERÊNCIA DA INTERCULTURALIDADE NA PRÁTICA DA
CULTURA INDÍGENA TERENA NA ESCOLA GUILHERMINA DA SILVA EM
ANASTÁCIO – MS**

Elisangela Castedo Maria do NASCIMENTO¹
Evelin Tatiane da Silva PEREIRA²

RESUMO

O avanço da urbanização e o crescimento desordenado da sociedade envolvente ao redor do povo Terena fez com que ocorresse uma miscigenação cultural. Muitos costumes e tradições foram deixados de praticar tais como: danças, culinária, artesanatos e principalmente a Língua Materna. Para entender como a interculturalidade interferiu na prática da cultura indígena, propusemo-nos realizar uma análise crítica de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. A fundamentação teórica foi baseada nos autores Bittencourt, Ladeira (2000), Cardoso (1976), e na Educação Problematizadora, na concepção de Paulo Freire, que enfatiza o respeito que o educador deve ter pelo conhecimento que o educando traz para a escola. O objeto de estudo foi a cultura indígena e os sujeitos da pesquisa foram os alunos do ensino fundamental II da Escola Estadual Guilhermina da Silva do município de Anastácio-MS. A pesquisa foi dividida em etapas: 1) levantamento bibliográfico; 2) aplicação de questionário com 20 alunos (10 meninas e 10 meninos) do ensino fundamental II com idade de 12 a 16 anos; 3) Montagem e interpretação de gráficos com os dados obtidos através do questionário. Conclui-se que as ações de revitalização não podem ser pontuais como tem sido feito, para que seja valorizada a cultura, a língua, o sentimento de pertencimento, o orgulho de sua história, essas ações devem ser cotidianas com envolvimento das famílias.

Palavras chave: Interculturalidade, Cultura Terena, Revitalização.

ABSTRACT

The advance of urbanization and the disorderly growth of the surrounding society around the Terena people made it happen a cultural miscegenation. Many customs and traditions were left to practice such as dances, cuisine, crafts and especially the mother tongue. To understand how interculturalism interfere with the practice of indigenous culture, we proposed to carry out a critical analysis of exploratory, descriptive and qualitative. The theoretical framework was based on Bittencourt authors, Ladeira (2000), Cardoso (1976),

¹ Professora Mestre dos cursos de Pedagogia e Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal – PROLIND, UFMS, Campus de Aquidauana. E-MAIL: ecmcursino@yahoo.com.br.

² Mestranda em Educação Escolar Indígena e Interculturalidade. Professora da Rede Estadual e Municipal de Ensino em Anastácio/MS. E-MAIL: evelinhekere@gmail.com.



and Education problematical, in the design of Paulo Freire, which emphasizes the respect that the educator must have the knowledge that the student brings to school. The object of study was the indigenous culture and the subjects were elementary school students II State School of Guilhermina in Anastácio-MS Silva. The research was divided into stages: 1) literature; 2) a questionnaire with 20 students (10 girls and 10 boys) of elementary school II aged 12 to 16 years; 3) Installation and interpreting graphs with data obtained through the questionnaire. It is concluded that the revitalization actions cannot be specific as has been done so that is valued culture, language, sense of belonging, pride in their history, these actions should be everyday with family involvement.

Keywords: Interculturalism, Terena culture, prejudice.

1 INTRODUÇÃO

No Estado do Mato Grosso do Sul existem várias etnias como: Guarani/Kaiowá, Guató, Terena, Kadiwéu, Ofaié, Atikun e Kinikinau (FUNASA, 2007) Os grupos indígenas com mais contingente populacional no Estado são os Kaiowá, Guarani e os Terena, com uma população de cerca de 65 mil pessoas (VIEIRA 2010).

No Brasil desde a chegada dos europeus os povos indígenas tiveram que se adaptar ao processo de colonização como, por exemplo: vestes (por andarem nu) e o ensinamento a língua.

Os indígenas começaram a aprender a Língua Portuguesa com a vinda dos jesuítas e a pregação do cristianismo através da catequese, de lá para cá começou o desuso das línguas indígenas. A língua é a identidade do povo, deve ser mantida assim como sua cultura.

O desuso da Língua e da cultura Terena vem de um longo processo colonizador em que os povos indígenas passaram e passam até hoje. Em função de muitas perdas durante o processo de colonização o governo brasileiro hoje, reconhece e devolve aos povos indígenas direitos garantidos na Constituição Brasileira de 1988 pelo Artigo 231: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

Embora a lei assegure a autonomia dos povos indígenas em relação a: cultura, tradições e uso da língua materna, na prática o indígena ainda continua sendo alvo de preconceito na sociedade sendo taxados como: alcoólatra, preguiçoso, suicida, esturador



e bugre. O preconceito, talvez seja um dos motivos da não utilização da língua materna e da não prática da cultura indígena pelos jovens na aldeia, na tentativa de serem aceitos pela sociedade envolvente.

O avanço da urbanização e o crescimento desordenado da sociedade envolvente ao redor do povo Terena fez com que ocorresse uma miscigenação cultural. Muitos costumes e tradições foram deixados de praticar tais como: danças, culinária, artesanatos e principalmente a Língua Materna. Essa aproximação da cultura do índio com a cultura do branco foi o fator que contribuiu ainda mais para o decrescente desuso da Língua Terena. Para entender como a interculturalidade interferiu na prática da cultura indígena, propusemo-nos fazer um estudo aprofundado a fim de:

- analisar o uso da Língua Terena e a prática da cultura;
- levantar dados sobre as tentativas de revitalização da língua e da cultura;
- levantar dados a respeito do preconceito e discriminação sofrido pelos indígenas na fase escolar na Aldeia Aldeinha no município de Anastácio – MS.

2 EDUCAÇÃO INDÍGENA

A educação numa sociedade indígena é responsabilidade de toda a comunidade, não há uma instituição específica para isso. Os mais jovens aprendem com os mais velhos, sendo eles, os pais, os avós, os irmãos, e membros da sociedade mesmo que não tenham parentesco próximo. Os mais velhos são muito respeitados e todos são responsáveis pela socialização da criança.

Tradicionalmente, as crianças indígenas conheciam somente a educação chamada informal, aprendida na família e na relação com os adultos da aldeia, ou seja, no seu dia a dia. O conhecimento era passado de geração em geração, nas rodas das fogueiras, ou em cerimônias e rituais, ensinados pelos antepassados e perpetuados pelos mais velhos da aldeia (MUSSI *et al*, 2010a, p. 39).

As sociedades indígenas são consideradas ágrafas. Por não possuírem a escrita alfabética, transmitiam seus conhecimentos e saberes através da oralidade, contando histórias, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração em geração.

Segundo o Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica, a educação indígena é:



[...] o processo pelo qual cada sociedade internaliza em seus membros um modo próprio e particular de ser, garantindo sua sobrevivência e sua reprodução. Diz respeito ao aprendizado de processos e valores de cada grupo, bem como aos padrões de relacionamento social que são introduzidos na vivência cotidiana dos índios com suas comunidades [...] Vista como processo, a educação indígena designa a maneira pela qual os membros de uma dada sociedade socializam as novas gerações, objetivando a continuidade de valores e instituições consideradas fundamentais. Designa o processo pelo qual se forma o tipo de homem e de mulher que, segundo os ideais de cada sociedade, correspondente à verdadeira expressão da natureza humana, envolvendo todos os passos e conhecimentos necessários à construção de indivíduos plenos nestas sociedades (BRASIL, Parecer 14/99, p. 2).

As crianças precisam de uma atenção especial, elas aprendem imitando os adultos durante as atividades do cotidiano como no caso do artesanato, na caça e na pesca. “Nas sociedades indígenas, são as narrativas que ensinam definitivamente e a conduta do dia a dia é a demonstração concreta de que a lição foi aprendida” (MUSSI *et al*, 2010a, p. 15).

2.1 Educação escolar indígena

Um modelo pedagógico oferecido ao indígena foi a educação escolar oportunizada pelo governo ou pelas instituições religiosas que substituía a educação feita pela família. “Essa educação oficial impôs um único modelo a todos, indígenas e não indígenas, trazendo outros valores e conhecimentos, excluindo, e até mesmo desvalorizando, os saberes tradicionais indígenas” (MUSSI *et al*, 2010a, p. 39).

Em função dessa imposição,

[...] tanto as lideranças indígenas, em um primeiro momento, quanto, depois, o movimento dos professores indígenas, assumiram a luta por uma educação escolar diferenciada, tendo como base os conhecimentos e valores indígenas, sem desprezar os saberes não-indígenas. Como resultado desse esforço por uma educação diferenciada, na década de 1980 foram organizados vários movimentos indígenas, para lutar contra toda forma de injustiça e discriminação, ou até mesmo de incompreensão sobre a sua cultura, sua história e seu modo de vida (MUSSI *et al*, 2010a, p. 39).

Hoje, existe a escola indígena feita para os indígenas em terras indígenas com educação diferenciada para favorecer a preservação da cultura e saberes tradicionais. Isso é o que está escrito, mas será que isso realmente acontece?



3 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada uma análise crítica de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. Trata-se de um estudo de caso porque visa à descoberta, a interpretação em contexto, buscando retratar a realidade completa e profunda (LUDKE E ANDRÉ, 1986). A fundamentação teórica foi baseada nos autores Bittencourt, Ladeira (2000), Cardoso (1976), e na Educação Problematizadora, na concepção de Paulo Freire, que enfatiza o respeito que o educador deve ter pelo conhecimento que o educando traz para a escola. O objeto de estudo foi a cultura indígena e os sujeitos da pesquisa foram os alunos do ensino fundamental II.

A pesquisa possui caráter qualitativo e foi dividida em etapas: 1) levantamento bibliográfico; 2) aplicação de questionário com 20 alunos (10 meninas e 10 meninos) do ensino fundamental II com idade de 12 a 16 anos; 3) Montagem e interpretação de gráficos com os dados obtidos através do questionário com a intenção de:

- Descrever o sentimento de pertencimento a etnia terena;
- Verificar por amostragem a quantidade de indígenas falantes da língua materna;
- Verificar se existe algum tipo de recusa em relação à prática da cultura terena;
- Verificar se os indígenas sofrem algum tipo de preconceito em relação a cultura e a língua terena;
- Levantar as formas de trabalho que a escola utiliza para revitalizar a cultura indígena entre as crianças;

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Aldeia Aldeinha possui 90 famílias e uma população de 350 habitantes (SESAI, 2015). Localizada no município de Anastácio, a 127 km de Campo Grande capital do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste (IBGE, 2010), a aldeia se encontra em contexto urbano em função do crescimento e o avanço desordenado da população Anastaciana e também em função da não demarcação de terras, fato este que vem interferindo no uso cotidiano da Língua Terena e alterando o espaço físico e cultural. Na aldeia existe uma escola chamada Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. Esta escola atende alunos indígenas e não indígenas do município de Anastácio, e esse é um



dos motivos porque a escola não utiliza o referencial curricular indígena, o outro motivo é que não existem nessa escola apenas professores indígenas ministrando aulas.

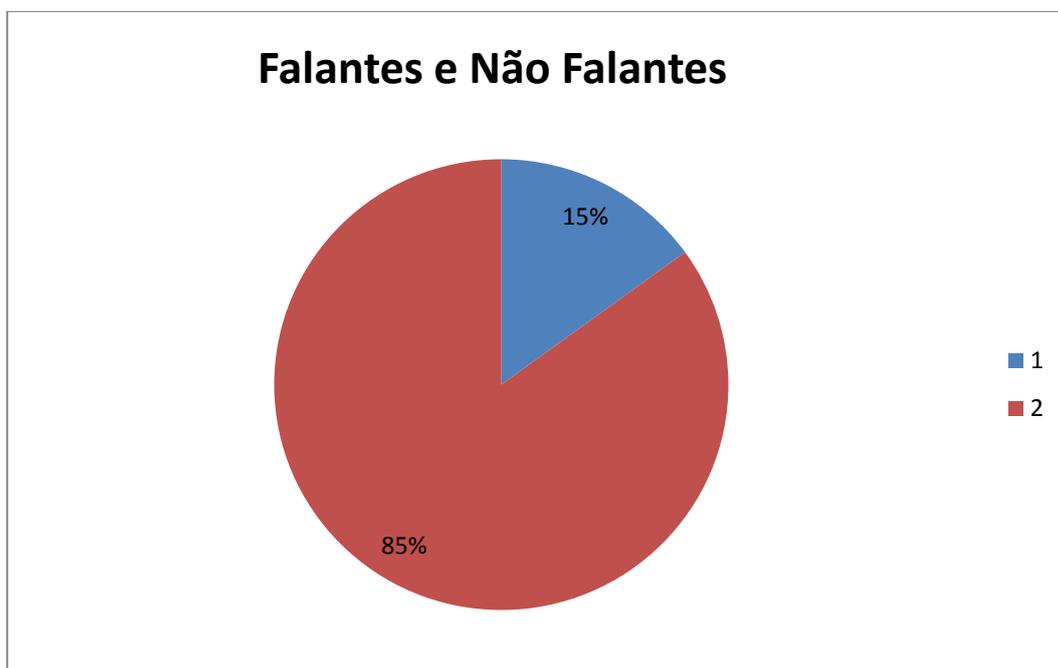
Foram entrevistados 20 alunos indígenas do ensino fundamental, anos finais, com faixa etária de idade entre 12 e 16 anos. Desses 20 alunos, 10 eram do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

Os alunos responderam às seguintes perguntas de um questionário fechado:

1) Você fala a língua terena? Sim () não ()

Os 3 alunos que falam a língua terena possuem a idade de 15 anos sendo duas meninas e um menino. Dentre esses alunos que falam a língua terena, um respondeu que sente vergonha de falar na frente de não indígenas. Esse é um dado bastante impactante em relação à quantidade de pessoas falantes da língua materna, pois se fosse generalizado, em relação à população indígena da aldeia, poderíamos afirmar que de um total de 350 pessoas, 297,5 não falam a língua terena.

Gráfico 01: Alunos falantes e não falantes.

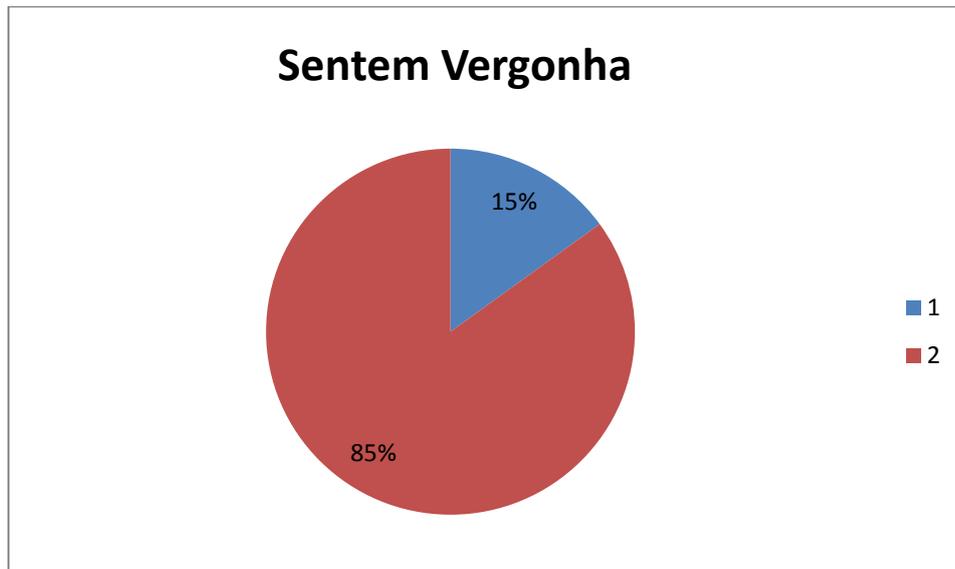


2) Você se sente envergonhado em falar a língua terena na frente de não indígenas? Sim () não ()

Dos 3 alunos (15%) que responderam sentir vergonha em falar a língua terena na frente de não indígenas, apenas 1 aluno é falante da língua materna e os outros 2 não. Esses 3 alunos são do sexo feminino e possuem 14 e 15 anos.



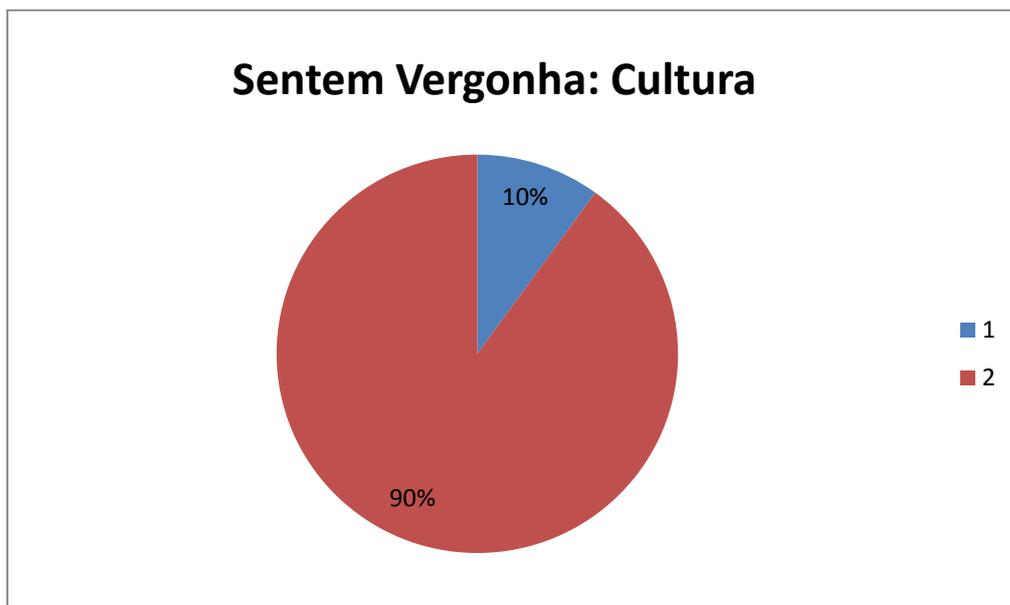
Gráfico 02: Vergonha de falar a Língua Terena na presença de não indígenas



3) Você sente vergonha em praticar sua cultura na frente de não indígenas? Sim ()
não ()

Desses 2 alunos que sentem vergonha em praticar a cultura terena um é falante da língua materna e o outro não. Os 2 possuem 15 anos, sendo 1 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Esses 10% que sentem vergonha da cultura representam 35 pessoas na aldeia com vergonha da cultura indígena.

Gráfico 03: Alunos que sentem vergonha da praticar a Cultura Indígena

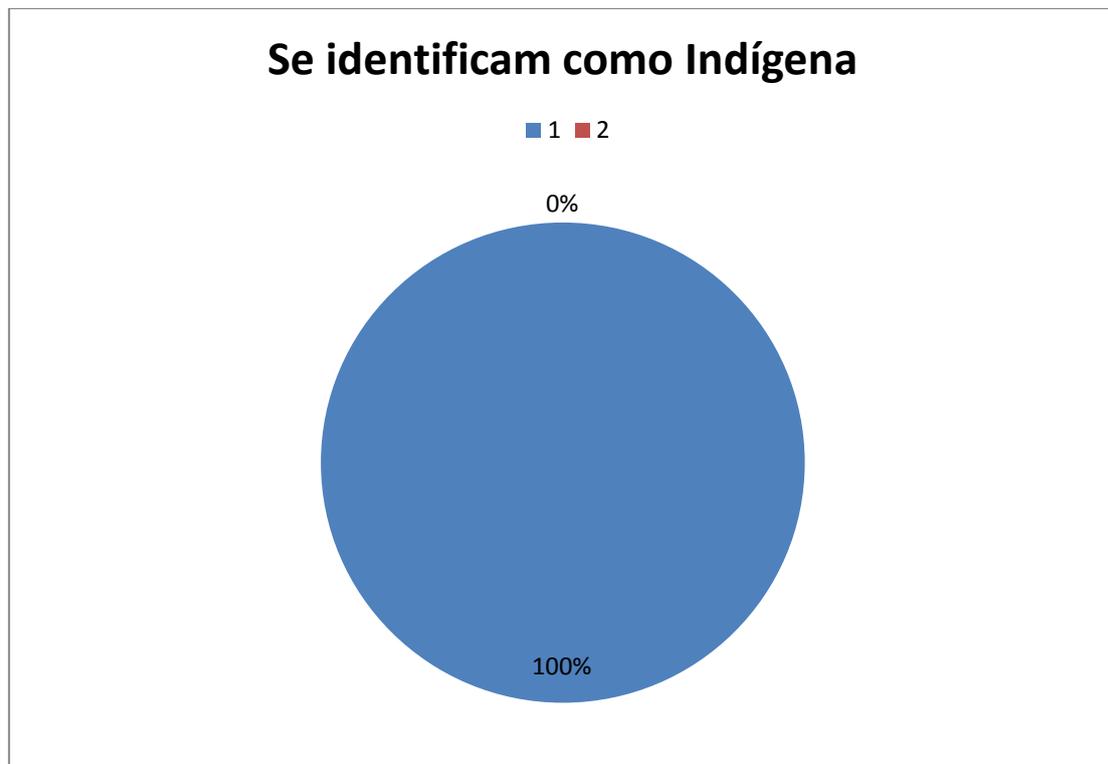




4) Você se identifica como indígena? Sim () não ()

Mesmo todos se identificando como indígenas, ainda existem crianças que sentem vergonha da língua ou da cultura terena, e acreditamos que isso ocorra em função da localização da aldeia que se encontra inserida na zona urbana da cidade de Anastácio, estando imersa na cultura da sociedade envolvente que se impõe como predominante causando vários tipos preconceitos.

Gráfico 04: Se identifica como indígena?

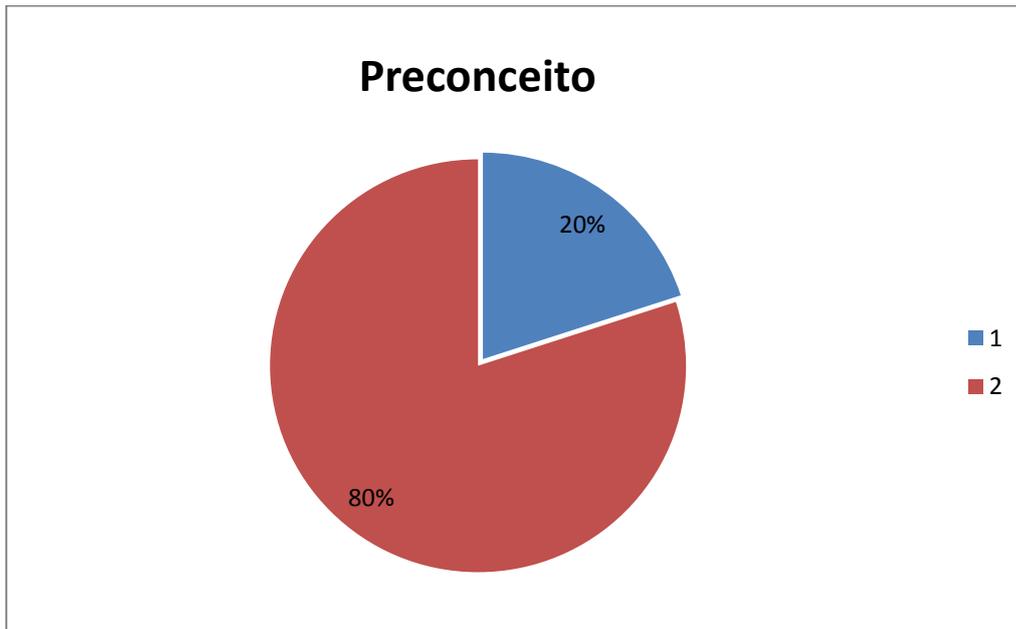


5) Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser indígena? Sim () não ()

Este gráfico confirma os dados anteriores em relação ao sentimento de vergonha da língua ou da cultura indígena podendo afirmar que tal sentimento se deve ao preconceito existente da sociedade envolvente em relação aos indígenas.



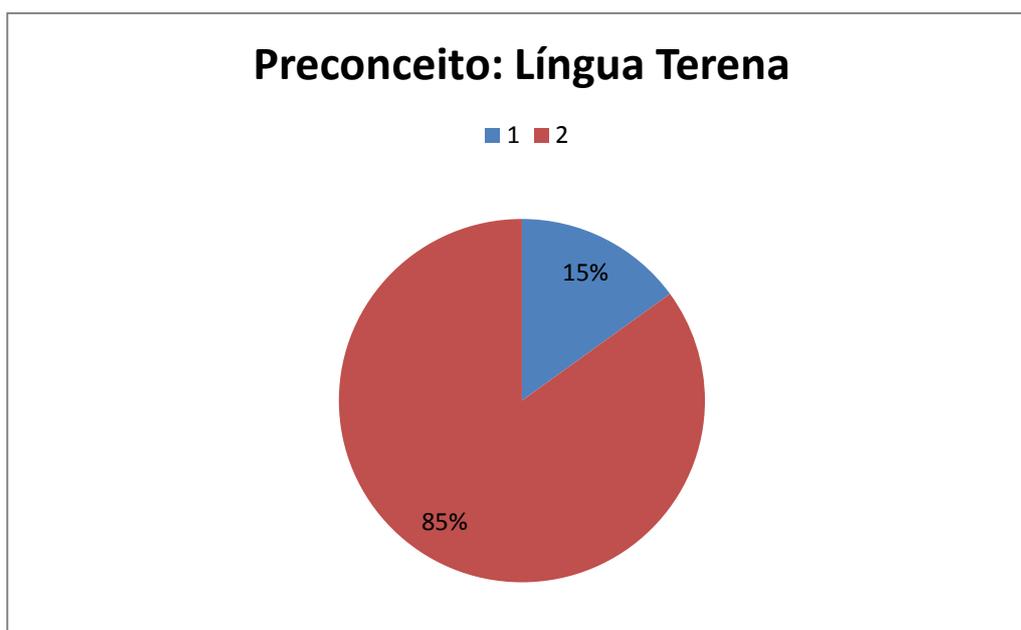
Gráfico 05: Preconceito por ser indígena



6) Você já sofreu algum tipo de preconceito em relação a língua terena? Sim ()
Não ()

Nesta questão os alunos relataram que sofreram preconceito em relação ao “sotaque” e por trocar palavras. Este gráfico confirma a resposta da pergunta nº 1, onde os alunos responderam que sentem vergonha da língua terena e aqui podemos concluir que tal vergonha se deve ao preconceito sofrido.

Gráfico 06: Preconceito em relação á língua terena

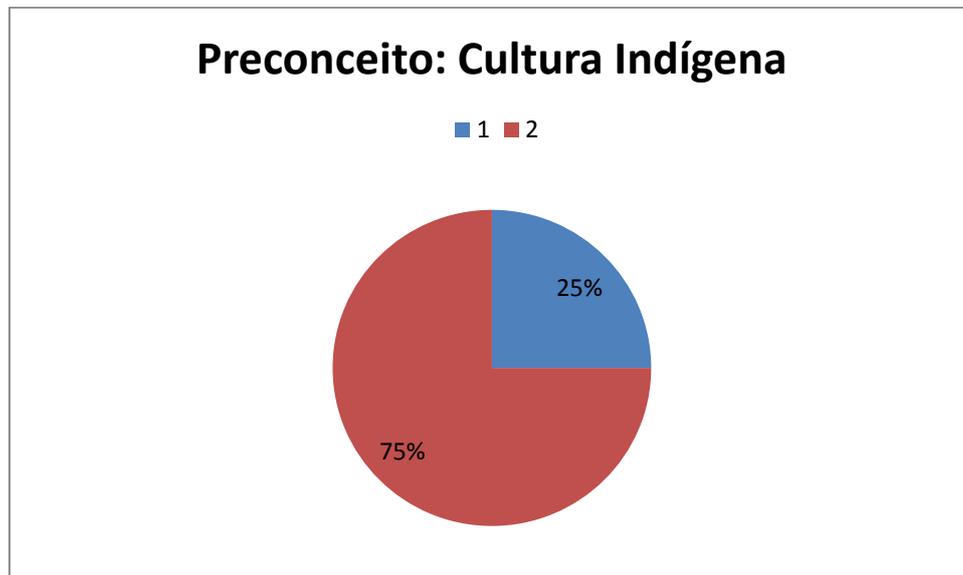




7) Você já sofreu algum preconceito em relação à cultura Indígena (dança, culinária etc)? Sim () Não ()

25% dos alunos responderam sofrer preconceito em relação à cultura indígena principalmente na semana em que se comemora o dia do índio e na semana dos jogos municipais. Nos jogos municipais os alunos jogam futsal com alunos de outras escolas do município. Na semana do dia do índio geralmente a escola faz apresentações de danças, de artesanato, de comidas que são expostas ao público em geral principalmente à visitação de outras escolas. Nesse caso são os alunos que fazem as explicações ao público e talvez sejam esses os momentos em que sofram os tipos de preconceitos aqui expostos.

Gráfico 07: Preconceito em relação à cultura



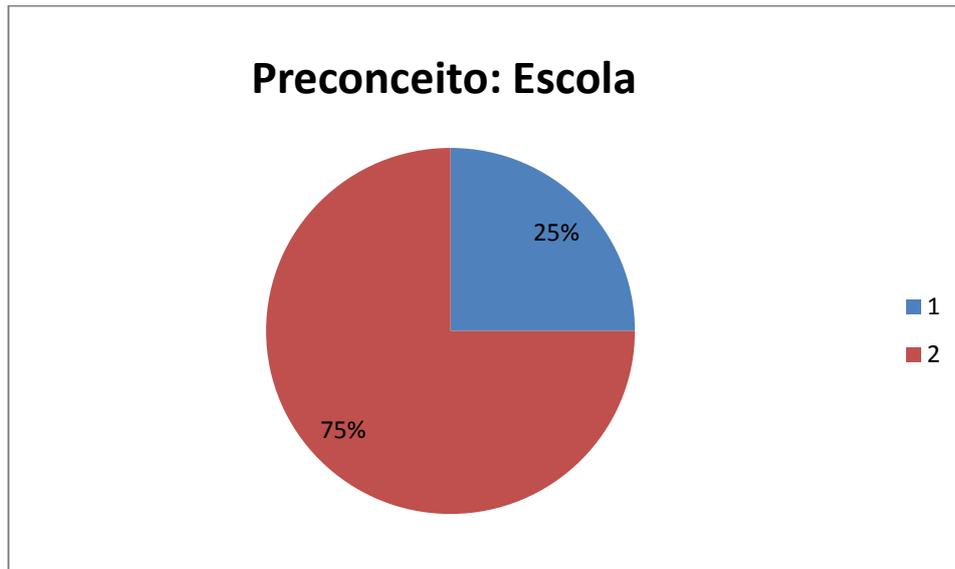
8) Você já sofreu algum preconceito por estudar em escola indígena? Sim () não ()

75% dos alunos questionados, responderam que sofreram discriminação por terem estudado em escola indígena.

Na escola indígena são dadas 2 aulas de língua terena nos anos iniciais do ensino fundamental e 01 aula nos anos finais. Quando os alunos tentam mudar de escola a grade curricular não bate com a do resto das escolas do município e nesse caso retornam para a escola indígena. O tempo que passam na escola nova sofrem bulling dos outros alunos.



Gráfico 08: Preconceito por estudar em escola indígena



A interpretação dos gráficos nos levam a crer que o contato com a sociedade envolvente é muito forte, ocorrendo a miscigenação da cultura (interculturalidade). A miscigenação e a exclusão fizeram com que deixassem de praticar hábitos como danças, músicas e culinária típica em seu cotidiano, sendo lembrados apenas durante as comemorações do Dia do Índio (19 de abril). Para serem “aceitos” na sociedade não indígena, passaram a praticar alguns costumes da sociedade não indígena.

Freire (1978, p. 18) explica essa atitude da seguinte forma:

[...] o seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora. “Reconhecer-se” a este nível, contrários ao outro, não significa ainda lutar pela superação da contradição. Daí esta quase aberração: um dos pólos da contradição pretendendo não a libertação, mas a identificação com o seu contrário.

Na busca pela identificação, os indígenas acabaram adquirindo costumes diferentes à sua própria cultura. Embora existam aulas de língua terena, a língua está em desuso dentro das famílias. As crianças aprendem a língua terena na escola, mas não conseguem praticar em casa e ainda existe o preconceito sofrido pela sociedade envolvente que as desmotiva.

Dessa forma, é preciso que os professores indígenas assumam uma prática educativa-crítica propiciando condições em que os educandos em suas relações uns com os outros, e com a família, ensaiem a capacidade de “assumir-se como ser social e



histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador”[...] (FREIRE, 2002, p. 25). A escola não tem proporcionado no cotidiano escolar ações que mostrem a importância da prática da língua e da cultura. Deveriam ser realizadas ações mais abrangentes que envolvessem as famílias nesse processo.

O problema é complexo, escolas indígenas que possuem professores e dirigentes não indígenas dificilmente terão sucesso nas ações de revitalização por dois motivos: primeiro porque a cultura indígena é indiferente para os não indígenas, por que ele não faz parte do lugar não tem nenhuma ligação e segundo que porque enxergam apenas como um emprego, saindo dali ele volta para o seu mundo que é completamente diferente daquele onde passa algumas horas, embora convivam com os indígenas, nada sabem sobre eles e suas necessidades. Enquanto a política educacional não levar a sério as questões indígenas dificilmente haverá revitalização da língua e da cultura.

Para Freire (1996) o processo de aprendizagem não pode ser separado do processo político, visto que ao construir significados de uma realidade, também se atribui valores. Tais significados e valores devem ser refletidos para que por meio de ações a realidade possa ser transformada. Como a Educação problematizadora parte da realidade imediata e propõe uma transformação radical na forma de pensar, sentir e agir que se acredita ser essa proposta a ideal aliada à Educação Indígena que também visa recuperação da língua e cultura. Para Tassinari (1995, p. 448-449) cultura é:

O conjunto de símbolos partilhado pelos integrantes de determinado grupo social e que lhes permite atribuir sentido ao mundo em que vivem e às suas ações. [...] O código simbólico que chamamos de “cultura” permeia todos os momentos da vida social. [...] a cultura diz respeito a uma capacidade comum a toda a humanidade. Esta é a condição básica para a possibilidade do “diálogo cultural”, ou seja, mesmo que eu viva e entenda o mundo a partir de um conjunto de significados próprios, posso compreender modos diferentes de viver e dar sentido ao mundo. [...] cultura é compartilhada, formulada e transformada por um determinado grupo social. [...] toda cultura é dinâmica, ou seja, vai se transformando através da história.

Neste sentido, cultura é a relação da espécie humana com o mundo em que vive, está relacionada à aprendizagem das manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo como: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, formas de dar sentido ao mundo etc.



Por esse motivo as ações de revitalização não podem ser pontuais como tem sido feito, para que seja valorizada a cultura, a língua, o sentimento de pertencimento, o orgulho de sua história, essas ações devem ser cotidianas com envolvimento das famílias. É na adolescência que a personalidade em formação deve ser motivada ao sentimento de valorização. A partir do momento que os jovens indígenas sentirem orgulho de sua história se sentirão seguros a ponto de se impor na sociedade, seja indígena ou envolvente, como pessoas que merecem respeito de todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando culturas diferentes passam a conviver, ocorrem trocas de conhecimentos e em ambos os lados há aquisição de novos conhecimentos e a esquecimento de outros.

A diferença está na invasão cultural mais forte e mais presente, existente nas sociedades indígenas de Aquidauana. Segundo Freire (1983) a propaganda é usada como um instrumento pelo invasor com objetivo de persuadir o invadido como uma “presa” fácil para sua conquista e por isso é necessário descaracterizar a cultura invadida com subprodutos da cultura invasora.

A proximidade e o encontro com a cultura da sociedade não indígena resultou no esquecimento de algumas de suas tradições assim como passaram a adquirir outras, como o consumo de produtos estranhos à sua cultura e culinária.

Essa proximidade com a cidade e mais a invasão da cultura não indígena pode ter originado nos indígenas Terena, essa vontade de não permanecerem “atrasados”. Esse pensamento se deve ao fato da cultura invadida ser manipulada por meio da conquista para poder se manter, pois a manipulação e a conquista são instrumentos para a “domesticação” (FREIRE, 1983).

A palavra domesticação é atribuída por Freire no sentido de aceitação sem questionamentos. Essa aceitação trouxe às comunidades indígenas costumes alheios à sua cultura, e com isso o preconceito a ponto de alguns sentirem vergonha da própria cultura.

Verificou-se que as ações de revitalização são pontuais não tendo um efeito esperado na valorização da língua e cultura indígena, assim como os adolescentes se sentem alvos de preconceito durante essas ações. Faz-se necessário um aproximação e



diálogo entre escola e comunidade na tentativa de estabelecer ações cotidianas que promovam a prática da cultura tradicional estabelecendo o sentimento de pertencimento.

É necessário aproveitar que os anciãos (mestres tradicionais) ainda se encontram vivos, pois estes são os detentores dos conhecimentos tradicionais da Etnia Terena, e podem direcionar um trabalho conjunto com a comunidade e a escola de revitalização gradativa dos valores indígenas.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria, LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. USP, Ministério da Educação- São Paulo Maio, 2000.

BRASIL Constituição (1988). Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1967/24 ed. 2002.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Trad. Rosisca D. de Oliveira. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

LUDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

SOUZA, de I. Povos Indígenas e a diversidade linguística Diversidade cultural: plurilinguismo, línguas indígenas no Brasil e em Mato Grosso do Sul. In: URQUIZA, Antônio H. A. (Org.) **Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância Módulo 2, Marcos conceituais referentes à diversidade sociocultural. Campo Grande – MS, 2010.

TASSINARI, ANTONELLA M. I. Sociedades Indígenas: Introdução ao Tema da Diversidade Cultural. In: SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.